

A MITOLOGIA EM OS LUSÍADAS

Daniela dos Santos Nascimento (UNESA)

danielanascimento51@yahoo.com.br

Márcia Lisboa Costa de Oliveira (UNESA)

1. *Introdução*

A mitologia está presente na humanidade séculos antes de Cristo. Os povos gregos, conhecedores do Monte Olimpo e consultores do Oráculo, local onde os gregos ouviam as divindades a respeito do futuro, passaram para seus sucessores sua ideia sobre a estrutura do universo.

Os romanos, sucessores mencionados no parágrafo anterior, propagavam para as demais nações a estrutura do universo, desenvolvida pelos gregos, através da religiosidade e dos seus conhecimentos científicos.

Calendários, reflexões, leis matemáticas (como a de Pitágoras) e o alfabeto são alguns dos exemplos de contribuições dos gregos que utilizamos ainda hoje no século XXI. Se todos esses saberes são refletidos séculos depois de Cristo, por que com a religião seria diferente?

Em *Os Lusíadas*, escrito séculos depois da encarnação de Cristo, podemos observar a presença dos deuses mitológicos paralela ao catolicismo do povo lusitano.

O estudo aqui presente tem por objetivo uma reflexão sobre o motivo pelo qual Camões inseriu em sua obra quando descreve a viagem de Vasco da Gama, ao mesmo tempo em que adota uma perspectiva cristã.

2. *Os Lusíadas no contexto de significação*

No século XV, Portugal vive um momento de descobertas e de glórias. O país está no auge de sua força, com o monopólio do comércio marítimo sob o comando de Vasco da Gama. A hegemonia de Portugal e seu renascimento literário são marcados pela epopeia camoniana *Os Lusíadas*.

Camões, nessa obra, descreve a viagem da descoberta do caminho às Índias por Vasco da Gama. O poema épico tem como foco a exaltação dos feitos heroicos dos portugueses, a fim de mostrar o domínio do ser

humano sobre a natureza, ou seja, uma visão antropocêntrica. das conquistas humanas.

Todos os aspectos descritos no parágrafo anterior marcam a história de Portugal durante seu momento de opulência até o século XVI, um período de forte influência cristã.

Entretanto, no poema camoniano encontramos um ecletismo religioso. Nele a questão da mitológica ora funde-se, ora opõe-se à fé cristã do povo lusitano.

No início da narração da viagem de Vasco da Gama, há um momento em que os deuses se reúnem em conselho para discutirem o futuro do oriente, como pode ilustrar os versos do Canto I – estrofe 20:

Quando os deuses do Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se juntaram em concílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente,
Pisando o cristalino céu fermoso, (...)

O terceiro verso apresenta de forma sutil a mitologia incorporada no cristianismo através da palavra “concílio”, que designa a “reunião de prelados católicos” (CAMÕES, 1972, p. 57).

A caracterização de *Os Lusíadas* como narrativa épica decorre da presença do maravilhoso, das grandes viagens náuticas e seus efeitos heróicos. Isso ocorre, porque a epopeia camoniana tem como modelo as obras clássicas de Homero e Virgílio.

Na literatura clássica o mito exerce um papel fundamental, de tal forma que a diferença entre seres humanos e seres divinos torna-se cada vez mais estreita, ou seja, o homem adquiria um poder inigualável durante sua atuação nos combates, alcançando assim uma proporção quase imortal.

Camões, em sua epopeia possui um aspecto que a difere das obras clássicas de Homero e Virgílio, pois ele mostrar uma conduta mais humanizada dos deuses, em que transparecem os mais diversos sentimentos, enquanto o homem por ele representado assume uma postura mais racional em suas ações.

Segundo Kerényi (BRANDÃO, 1996), “o mundo grego com seus deuses é um mundo do homem”. Isso se refere ao antropomorfismo, ou seja, à caracterização humana dos deuses a partir de sentimentos, como amor, ódio, proteção e mentira. Tal representação dos deuses, podemos

observar no Canto I – Estrofe 77, quando Baco sente-se ameaçado com a chegada dos portugueses à África e assume uma forma humana para fazer intriga entre portugueses e os xeques.

3. *Deus e deuses na construção da épica camoniana*

3.1. Deuses

A presença do deus Baco e da deusa Vênus, principais personagens pagãos, mostra a já mencionada caracterização humana dos deuses e suas interferências. Os deuses, em alguns episódios do poema, demonstram sentimentos de ira, mentira, inveja, como é o caso de Baco em relação aos portugueses, enquanto a deusa Vênus, devido às ameaças de Baco teme perder seu direito de conquistar a vitória junto com os portugueses. Esta apresenta sentimentos nomes como amizade e fidelidade, assumindo assim uma posição de defensora dos portugueses.

3.2. Deus

Contudo, Deus, diferente dos deuses pagãos, é perfeito, único e verdadeiro. É dotado de amor desmedido pelos homens e para demonstrar seu amor, enviou-nos seu único filho para ser crucificado em prol da remissão dos pecados da humanidade. Quando o filho de Deus disse que é “o caminho, a verdade e a vida”, mostra-se magnânimo. O seu saber e poder são absolutos diante de tudo o que existe e em que acreditamos.

3.3. Deus x deuses

Assim, ao observarmos a presença de Deus no discurso do descobrimento e a interferência dos deuses no decorrer das navegações, podemos nos atrever a fazer analogias quanto ao papel dos portugueses e dos seres mitológicos na epepeia camoniana.

Deus, em *Os Lusíadas*, apresenta-se como orientador religioso, a bandeira hasteada, que vai à frente, nas grandes realizações. É Aquele que detém o poder de mudar o curso da humanidade, mas dá liberdade de escolha entre o bem e o mal aos seus filhos amados.

Já os portugueses fazem o papel do povo de Deus que está em busca de salvação através da propagação da palavra divina a outros po-

vos, como seguidores de Cristo e os jesuítas durante a catequização dos nativos.

Quanto aos deuses, podemos fazer sua analogia com os discípulos de Cristo que auxiliam o povo de Deus na jornada para a propagação e afirmação da Fé. Esse é o caso da deusa Vênus e dos outros deuses que auxiliam para impedir a ação e interferência do “gênio contrário”, Baco, sobre as realizações lusitanas.

A dimensão religiosa descrita no parágrafo anterior pode ser relacionada à teoria bíblica da origem dos deuses (BULFINCH, 2003, p. 352), cujas lendas da mitologia são embasadas na Sagrada Escritura e alguns personagens mitológicos correspondem a um nome bíblico como Deucalião – Noé; Hercules- Sansão; Mercúrio – Jubal; Vulcano – Tubal; Apolo – Tubal Caim. Essa mostra as analogias referentes aos personagens bíblicos e pagãos como justificativa de uma origem mitológica.

4. O discurso de descobrimento sob o ponto de vista ideológico

Para entendermos o discurso do descobrimento, primeiramente vamos retomar a significação antropocêntrica em *Os Lusíadas*. Como foi mencionado, a obra camonianiana é escrita no período em que o homem é o centro do universo, ele é que detém o poder de transformação da humanidade.

Sendo assim, Camões reconstitui o valor do ser humano a partir dos grandes feitos heroicos dos portugueses durante a expansão marítima, perspectiva diferente do papel reduzido que o homem assumiu no etnocentrismo.

O expansionismo português em *Os Lusíadas* tem um caráter universal e espiritual. Esse caráter espiritual está estreitamente vinculado ao cristianismo, pois tem por objetivo a propagação da fé, isso fica muito claro no ver inicial da epopeia “As armas e os barões assinalados” (CAMÕES, 2005, p. 11)

Para melhor compreensão, vamos destacar no verso citado o vocábulo “assinalados” que nesse contexto histórico tem entre suas significações a concepção de povo escolhido, ou então, aquele marcado pelo sinal da Cruz de Cristo. Esses significados fazem referências às Grandes Cruzadas nas quais, Portugal não teve nenhuma participação, tendo em vista que suas condições históricas, diante das invasões árabes e da Re-

conquista, não o permitiram. As cruzadas sob o ponto de vista camoniano são exaltadas nos versos de Canto II – estrofe 32.

Nalgum porto seguro de verdade
Conduzir-nos, já agora, determina,
Ou nos mostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos

Assim, Portugal se aproveita de sua supremacia e faz do expansionismo sua Cruzada particular, rumo ao novo reino. Pois o Império Português, quanto ao caráter espiritual, é visto como o Império de Cristo que incluía as terras africanas e asiáticas. Para exemplificar, podemos citar versos da segunda estrofe do Canto I, em que a palavra “fé” desconstrói a significação territorial do vocábulo “império”.

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando

Já o caráter universal apresenta duas vertentes: na primeira, o português é caracterizado como homem universal, em virtude dos grandes feitos heroicos e, na segunda, o povo eleito por Deus. Esta segunda vertente refere-se ao motivo pelo qual Portugal é o povo escolhido, já que a humildade é um dos requisitos principais da religião cristã.

A universalização, na obra de Camões, é constituída a partir do momento em que a história de Portugal é elaborada como uma história da humanidade (ALMEIDA, 1979).

5. Considerações finais

O estudo sobre a mitologia em *Os Lusíadas* buscou enfatizar a relação do mundo espiritual como mundo real e como essas antagonísticas dimensões foram usadas por Camões, para mostrar o quanto os portugueses foram capazes de vencer os obstáculos durante a viagem expansionista.

A verdade é que Deus e deuses, na obra, foram artifícios para fortalecer o caráter antropocentrista do século XVI, visto que os lusitanos, seja pela humildade do seu povo ou por sua semelhança com os romanos, eram elogiados. Isso caracteriza de algum modo, a exaltação do povo português.

Outro ponto importante que podemos usar como justificativa são as disputas entre os deuses Baco e Vênus. Esse conflito proposto pelo poeta deu à narrativa épica um caráter dramático.

A presença do maravilhoso pode ser explicada também pelo fato de que *Os Lusíadas* é uma obra com base nos poemas clássicos de Homero e Virgílio. Portanto, a fusão dessas dimensões – religiosa e mitológica – foi necessária para compor a epopeia camoniana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria do Perpétuo Socorro Correa Lima de. Os lusíadas e o discurso ideológico da expansão. In: *Convergência Lusíada: Revista Cultural do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura*. Ano IV. 7. ed. Rio de Janeiro, jul./79 a dez./80.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): Histórias de deuses e heróis*. Trad. de David Jardim Júnior. 29. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 7. ed. rev. v. I. Petrópolis: Vozes, 1991.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. São Paulo: Klick, 2005.

JULIEN, N adia. *Minidicionário compacto de mitologia*. Trad. de Denise Radanovic Vieira. 1. ed. São Paulo: Riedel, 2002.

Ministério da Educação e Cultura: departamento de assuntos culturais. *Luís de Camões: Os Lusíadas*. Edição brasileira comemorativa do quarto centenário do poema, 1972.

REVISTA Camoniana. v. 14. Bauru: EDUSC, 2003.